

quente e o qual cozinhava, acrescentando-lhe determinadas folhas e ervas e deixando fermentar. Se não se lhe assistira à preparação, a bebida era refrescante e, mesmo quando ingerida em grande quantidade, não produzia o efeito devastador que se verificava em alguns dos nossos acompanhantes, que experimentavam consideráveis bebedeiras acompanhadas de delírios, tornando-se depois imprestáveis por até uma semana — imprestáveis para nós e para o mundo, ao qual apresentavam-se gemendo, revolvendo-se e atormentados pela diarréia. A menina jamais revelou que ervas misturava à papa de milho, como, de resto, e contrariamente aos outros índios que viviam conosco — criaturas miseráveis, desprovidas de qualquer saber ou conhecimento e de inteligência limitada —, dispunha também de conhecimentos espantosamente antigos, que não desejava partilhar com ninguém, ou, em todo caso, não comigo.

É estranho e assustador o que se agita de novo em meu cérebro, como as letras num envelope de carta iluminam os mais obscuros recantos da memória, como detalhes intocados há cinqüenta anos ressaltam com grande nitidez. A um tênue chamariz, tudo prontamente se apresenta. Sempre estive ali — silencioso, sem uso, mas presente —, a fim de, num dado momento, pretender

corrigir a trajetória de uma vida. Em meu corpo, eu sentia já como começava a defender-me da mudança. Até o momento em que recebi aquela carta, sentia-me presa segura da morte, entregara-me — ou aquele que em mim e em meu nome negociava com ela reconhecera a própria fraqueza. Não desejava transigir, queria apenas uma lenta extinção. Mas e agora? Agora tudo transcorre sem qualquer esforço, agora o quarto escuro projeta imagem após imagem em (meu monótono presente, voltado para meu fim. Provavelmente, sempre esperei ser abordado e reconhecido. Vivia num estado de expectativa por esse momento em que, afinal, me é permitido tirar a máscara e dizer: pois bem, agora posso me mostrar.

E vejo-o, então, levar um copo à boca, vejo o dedinho rijo projetar-se no ar, num bar em São Paulo, onde nos encontramos para nos conhecer. De repente, torna-se claro para mim que todos os seus gestos, que cada pequeno movimento seu encontra-se armazenado em mim, e que cada tentativa passada de extinguir esse arquivo apenas lacrou as fontes, a fim de que elas pudessem agora jorrar tanto mais irrefreáveis. E, enquanto contemplo o envelope que ostenta o meu nome escrito com sua letra, vejo-o sentado numa piroga, escrevendo seu diário, vejo-o encher com sua letra miúda, sua escrita de passa-